

## O século XIX e o Centro Histórico do Rio Grande

Eliza Furlong Antochevis<sup>215</sup>

### Resumo

O trabalho apresentado tem por objetivo abordar o desenvolvimento das atuais ruas Riachuelo e Marechal Floriano, situadas no centro histórico da cidade do Rio Grande, durante o século XIX. Inicialmente foi realizada uma apresentação da cidade, relatando desde as justificativas da fundação do Presídio e Povoação do Rio Grande de São Pedro, em 1737, até a sua consolidação como cidade no século XIX. Juntamente com fontes iconográficas são utilizados relatos de viajantes estrangeiros que ajudaram a recriar a imagem das duas principais ruas da cidade no período proposto. Em um segundo momento, através de fotografias da época, é apreciada a evolução da arquitetura nas vias antigamente chamadas Rua da Praia e Rua da Boa vista. Embora de forma simplificada, suas edificações seguiram o restante do país, representando a corrente luso-brasileira. O ecletismo aparece tardiamente, no final do século XIX, em poucos exemplares.

Palavras-Chave: arquitetura, cidade, século XIX, Rio Grande.

### Introdução

O presente trabalho visa apresentar o panorama no qual se encontrava o centro histórico da cidade do Rio Grande durante o século XIX. São abordadas tanto questões gerais referentes ao desenvolvimento urbano da cidade, como particulares, relativas às correntes arquitetônicas representadas nas principais vias, relacionando-as com as linguagens arquitetônicas existentes no Brasil na mesma época e com as especificidades do local.

O objeto de estudo são as ruas Marechal Floriano (antiga Rua da Praia), e Riachuelo (antiga Rua da Boa Vista) com suas edificações. As duas vias sempre foram de extrema importância para a cidade e acompanharam o seu crescimento.

O recorte físico foi realizado levando-se em conta o fato de que o centro histórico foi a origem do assentamento e possui, ainda hoje, a maioria dos prédios mais antigos do município, principalmente, nas duas ruas que foram estudadas. O século XIX foi escolhido como recorte temporal por ter representado um período de grande desenvolvimento sócio-econômico para a cidade.

É esperado que esse artigo contribua para o entendimento de uma arquitetura rica, mas muito pouco estudada, que muitas vezes é desvalorizada por sua população. Rio Grande é a cidade mais antiga do estado e já recebeu o título de *Cidade Histórica – Patrimônio do Rio Grande do Sul*. Segundo o militar francês Nicolau Dreys, que residiu na Vila do Rio Grande de São Pedro na primeira metade do século XIX, a cidade apresentava cais regulares, um porto retificado, ricos armazéns e belas casas, podendo naquela época concorrer com as mais notáveis cidades da América do Sul (DREYS, 1961).

Por essas razões é necessário que Rio Grande receba mais apreciações sobre o seu crescimento urbano e também sobre sua arquitetura.

### Origem e desenvolvimento do Rio Grande de São Pedro

A cidade do Rio Grande foi o primeiro referencial urbano luso-brasileiro nas terras ao sul do Brasil (TORRES, 2001). Teve origem na criação do Presídio e Povoação do Rio Grande de São Pedro, em 1737. Sua função não visava apenas questões militares, como fornecer apoio à

---

<sup>215</sup> Arquiteta e Urbanista, mestranda em Arquitetura e Urbanismo, PROGRAU/UFPel, [eliza.antochevis@gmail.com](mailto:eliza.antochevis@gmail.com)

Colônia do Sacramento. Estava amplamente conectada ao contexto geo-político platino iniciado no século XVI, e ao sócio-econômico gerado no centro-sul do Brasil no começo do século XVIII (QUEIROZ, 1987).

Há indícios de que, em 1737, tenham sido criados dois núcleos para a povoação. O do Porto, nas margens da Laguna dos Patos e um segundo, chamado Estreito, próximo ao Saco da Mangueira. Possuindo função extremamente militar, este último não veio a obter crescimento. O núcleo do Porto, no entanto, por abrigar a principal atividade econômica do local e ainda possuir função comercial, desenvolveu-se formando o atual centro histórico da cidade do Rio Grande (OLIVEIRA, 2012).

No núcleo do Porto foram construídos o Forte Jesus Maria José e uma Igreja, ambos não mais existentes. Segundo a Carta Régia de fundação da Vila do Rio Grande de São Pedro, do ano de 1747, Rio Grande deveria possuir o seu maior lado voltado para a água (TORRES, 2001). Dessa forma, a Vila foi recebendo vias paralelas à Laguna dos Patos. O caminho que provavelmente levava os habitantes ao mar, saindo da Vila em direção ao Saco da Mangueira, muito possivelmente deu origem à Rua Direita, atual Rua General Bacelar (OLIVEIRA, 2012).

Apesar das dificuldades causadas pelos ventos e pela grande quantidade de areia, a Vila do Rio Grande de São Pedro continuou a crescer ao longo do século XVIII, deixando de ser alojamento para os soldados e suas famílias, e recebendo seus primeiros comerciantes.

No início do século XIX, a Vila tornou-se o principal ponto de comércio da Capitania, graças ao seu movimento portuário (QUEIROZ, 1987). A economia ampliou-se e novos imigrantes chegaram em busca de trabalho.

Em 1809 o comerciante inglês John Luccock esteve em Rio Grande e descreveu que a principal rua ficava na direção leste-oeste, com belas casas e, atrás dela, situava-se outra rua com cabanas pequenas, construídas em barro e cobertas de palha, para as classes mais baixas (LUCCOCK, 1987). O comerciante relatou ainda ter alugado uma casa térrea, semelhante às outras do lugar, com uma sala que dava para a rua, uma alcova como quarto de dormir e uma cozinha de chão em uma edícula.

Na década seguinte outro viajante passou pela cidade, divulgando posteriormente suas impressões sobre a mesma. O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire visitou Rio Grande no ano de 1820, afirmando que a mesma possuía seis ruas bastante desiguais, atravessadas por estreitos becos, sendo a mais comprida a Rua da Praia, às margens do canal (SAINT-HILAIRE, 1999). Ainda segundo o viajante, nessa rua estavam quase todas as lojas e vendas, casas com janelas envidraçadas, cobertas de telhas e com sacadas de ferro. As quatro últimas vias eram compostas de miseráveis casebres.

Dois documentos iconográficos da década de 1820 contribuem para o entendimento da distribuição das ruas na Vila. O primeiro é a aquarela de Jean Debret, feita em 1823, conforme figura 1. Essa imagem recebeu a análise de Barreto (1973-76) que afirma ver-se em primeiro plano a ponta da Macega e, logo em seguida, os armazéns e sobrados recentemente construídos na Rua Nova das Flores (posteriormente Rua da Boa Vista). Logo atrás observamos a Rua da Praia, que, segundo o mesmo autor, teria sido aberta pouco tempo antes, em fins do século XVIII, sendo bem visível a Capela da Ordem Terceira de São Francisco.

FIGURA 1 – Aquarela do Porto do Rio Grande, feita por de Jean Debret em 1823.

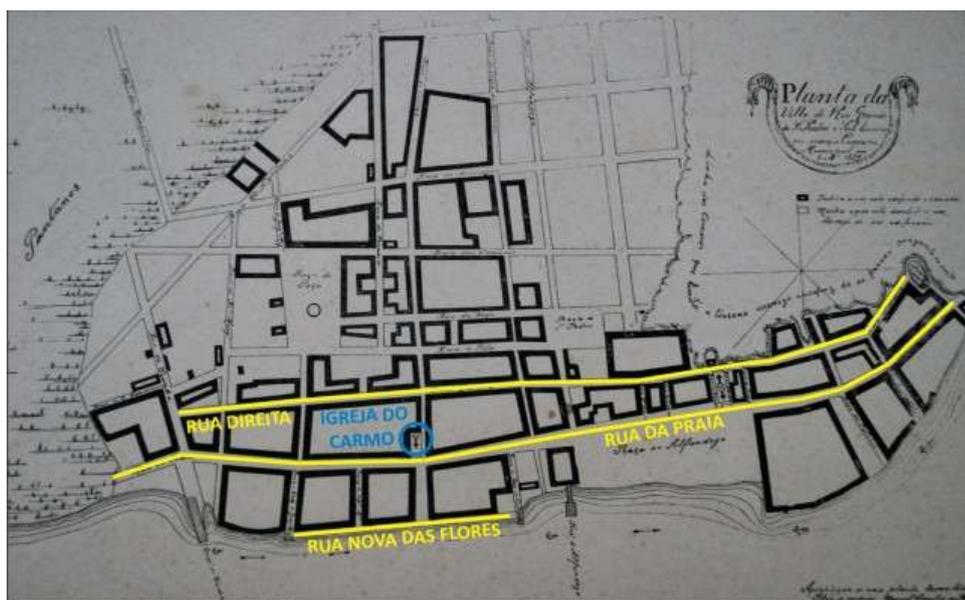
Fonte: TORRES, 2001, p. 69



O segundo documento, figura 2, é um mapa desenhado em 1829 que representa as principais ruas da cidade, apresentando ainda, em traço mais espesso, os quarteirões edificados. Nele é possível perceber a Rua Direita (atual General Bacelar), seguida da Rua da Praia (hoje Marechal Floriano). A Rua Nova das Flores (atual Riachuelo), posteriormente Rua da Boa Vista, apresenta a extensão de apenas três quarteirões. Essas ruas foram destacadas na imagem, assim como a Igreja Nossa Senhora do Carmo, que será comentada posteriormente.

FIGURA 2 – Mapa da Vila do Rio Grande de São Pedro, representado em 1829.

Fonte: Acervo da Biblioteca Riograndense. Edição da autora, 2013.



Após a análise dos dois documentos, acredita-se que a “rua principal” contemplada por Luccock em 1809 tenha sido a Rua da Praia, pois essa via recebeu a maioria das construções de maior relevância no período estudado. Não foi possível, até o presente momento, comprovar com documentos históricos a data em que os quarteirões da Rua Nova das Flores passaram a ser edificados. Como Saint-Hilaire afirma que a Rua da Praia estava “à margem do canal”, ainda em 1820, pode-se concluir que as duas ruas ditas por ele como “as mais importantes” sejam a Rua da Praia e a Rua Direita, tendo essa última, então, sofrido alterações em sua arquitetura desde 1809, quando Luccock afirmou que só possuía “cabanas pequenas”.

Um indício da data de abertura da Rua Nova das Flores pode ser o ano de 1823, quando foram concluídas a construção do porto (atual Porto velho) e a dragagem do cais, eventos que permitiram que a cidade recebesse grandes navios, que anteriormente embarcavam em São José do Norte (QUEIROZ, 1987). Outra questão a ser considerada é o fato

da consolidação da Rua Riachuelo ter ocorrido a partir de sucessivos aterros nas margens do canal, a partir da Rua Marechal Floriano, que permitiram a ampliação da área urbana do município (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, 2012).

Em 1834, um ano antes de Rio Grande ter sido elevada à condição de Cidade, outro visitante estrangeiro, o francês Arsène Isabelle, narrou a sua visão da cidade. Afirmou que na mesma havia três ruas principais muito compridas, nas quais apenas os passeios eram calçados (ISABELLE, 1983). Segundo ele, o comércio era a principal atividade econômica, sendo que alguns ricos comerciantes construíram amplas casas e armazéns. O relato permite concluir que as três ruas seriam agora a Rua General Bacelar, a Rua Marechal Floriano e a Rua Riachuelo, que provavelmente já havia tornado-se mais extensa. A rua posterior à Rua General Bacelar, na época Rua do Pito, não possuía grande extensão no mapa de 1829, muito provavelmente pelas dunas existentes.

Na década de 1850 a cidade havia alcançado um crescimento urbano e demográfico bastante considerável. Segundo o Relatório da Câmara Municipal do Rio Grande, de 1851, a cidade possuía poucos lampiões para as suas 32 ruas, que contavam com 1732 propriedades (TORRES, 2001). Conforme o mesmo relatório, muitas ruas da cidade, assim como a Praça Municipal, tornavam-se alagadiças e intransitáveis no inverno, devido à falta de aterramento.

No ano de 1865, por ocasião da Guerra do Paraguai, desembarcam na cidade D. Pedro II e seu genro, o Conde D’Eu. Esse último escreveu relatos sobre o local, afirmando que o mesmo continha quatorze mil habitantes, muitas casas de comércio européias e três ruas principais calçadas, todas paralelas à praia, nas quais existiam elegantes lojas (D’EU, 1980). O calçamento dessas ruas foi a única melhoria desde as descrições de Isabelle, em 1834.

Na mesma década, no ano de 1868, a **Revista Arcádia** publicou dados importantes sobre a cidade. Segundo a publicação, existiam 1870 casas edificadas e 37 em construção, 118 sobrados (entre dois e quatro pavimentos) e dois em construção. A revista ainda relatou que Rio Grande possuía 33 ruas, quatro becos e sete praças. Entre as principais ruas estavam a Rua Riachuelo (antiga Rua da Boa Vista), a Rua Pedro II (antiga Rua da Praia), sendo a mais importante rua com “lindos edifícios e quase toda calçada”, e a Rua dos Príncipes (anteriormente Rua Direita). Essa mudança na nomenclatura das ruas havia ocorrido devido à visita de D. Pedro II e do Conde D’Eu, em 1865, sendo uma homenagem aos dois nobres e à Batalha do Riachuelo.

Após análise do Relatório da Câmara Municipal do Rio Grande de 1851 e da Revista Arcádia de 1868, foi possível averiguar que a cidade ampliou-se urbanisticamente e demograficamente ao longo desses 17 anos. O número de habitações aumentou em 295 e o de ruas em cinco.

### Arquitetura nas ruas principais

Após o estudo histórico da Rua Marechal Floriano (anteriormente Pedro II e Rua da Praia) e da Rua Riachuelo (anteriormente Rua da Boa Vista e Rua Nova das Flores), o presente trabalho objetivou a apreciação da arquitetura edificada nessas vias, utilizando fotos da época e dados sobre alguns prédios históricos, como suas datas de construção.

Uma evidência da relevância da arquitetura dessas duas vias para a cidade é a presença de ilustrações tanto do Porto do Rio Grande como da Rua Pedro II em um postal de 1898, que destacava as principais imagens do município. As ilustrações podem ser vistas à esquerda do postal.

FIGURA 7 – Cartão postal de vistas da cidade, com inscrição de 1898.

Fonte: TORRES, 2013



### Rua Marechal Floriano

Conforme citado anteriormente, essa rua sempre contou com construções de grande relevância para a cidade, residenciais e comerciais. A figura 3 apresenta a rua no ano de 1850. Vê-se, à esquerda, tanto sobrados de dois pavimentos quanto casas térreas, com telhado aparente, sem a constatação, ao menos nas construções melhor representadas na fotografia, do uso de platibandas. Os dois primeiros sobrados possuíam aberturas com vergas retas, enquanto a edificação térrea a seguir apresentava arcos abatidos.

À direita da foto, em primeiro plano, vê-se um homem de terno preto em frente a um muro com gradil, que era a entrada da primeira Igreja do Carmo, também indicada na figura 2, que posteriormente foi demolida para o alargamento da Rua Benjamin Constant. Ao lado do muro existia uma casa térrea, com aberturas em arco abatido e telhado colonial. A próxima construção parece ser um sobrado de três pavimentos com balcão corrido, mas devido às condições da fotografia não é possível relatar maiores detalhes.

FIGURA 3 – Fotografia da Rua da Praia na década de 1850.

Fonte: Fototeca Municipal Ricardo Giovannini



Devido à sua localização próxima à Laguna dos Patos, o que acabou dando-lhe o nome de Rua da Praia, a via dividiu com a Rua da Boa Vista a localização das fachadas principais do prédio da antiga Alfândega, que foi edificado em quarteirão único. Sua construção iniciou em 1874 e até 1880 rendeu muitas despesas, sendo considerada finalizada, com melhorias, apenas em 1937 (COSTA, 1992). Conforme registrado na figura 4, de 1889, o prédio foi construído com a influência da corrente neoclássica, apresentando monumentalidade e simetria. A construção aparece com seus frontões e colunas, no lado esquerdo da imagem.

No lado direito pode-se observar, em primeiro plano, alguns sobrados de dois pavimentos, possuindo portas e janelas com arcos abatidos, telhado aparente e balcão corrido. Esses sobrados são muito semelhantes aos que Saint Hilaire descreveu em 1820 e é possível que abrigassem algumas das lojas elegantes descritas pelo Conde D’Eu em 1865. No restante da imagem é possível perceber apenas que as construções eram casas térreas ou sobrados de dois pavimentos, além de que o sobrado ao lado da Alfândega apresentava platibanda.

FIGURA 4 – Fotografia da Rua da Praia em 1889.

Fonte: Acervo da Biblioteca Riograndense



Após a apreciação das duas imagens percebe-se que a arquitetura da Rua da Praia obteve um desenvolvimento do ano de 1850 ao de 1889. Apesar de a última ter sido registrada a partir de um ponto mais nobre da rua, próximo à Praça da Alfândega (atual Praça Xavier Ferreira), as edificações apresentam um pouco mais de detalhamento, como as molduras das aberturas. Excetuando-se o prédio da Alfândega, edificação com características únicas no período, as construções vistas nas fotografias pertencem à linguagem arquitetônica luso-brasileira, com suas vergas retas ou em arco abatido, seus telhados cerâmicos e seus os balcões de ferro. Outra característica importante é o fato de a maioria das construções estarem edificadas no alinhamento predial, tanto na primeira quanto na segunda metade do século XIX. Essa relação de dependência com o lote é uma propriedade das construções luso-brasileiras (REIS FILHO, 2011).

### Rua Riachuelo

A Rua Riachuelo sempre foi de extrema importância para a cidade, por localizar-se nas margens da Laguna dos Patos e, conseqüentemente, ter recebido o seu primeiro porto. Dessa forma, durante o século XIX, Rio Grande tornou-se uma rota importante e a Rua Riachuelo passou a receber a maior parte de tudo o que ingressava na região: mercadorias, homens, jornais, livros e ideias (ALVES, 2007).

Sabe-se que no mapa de 1829 ela já havia sido representada, como Rua nova das Flores, possuindo a extensão de três quarteirões. Em algumas gravuras do final do século XIX a rua já apresenta uma extensão bem maior. No entanto, as mesmas não foram utilizadas nesse trabalho por não apresentarem um nível de detalhamento que auxiliasse na análise da arquitetura edificada.

A figura 5 é uma gravura feita por Francis Richard, em 1860. Não há registros da passagem de Richard por Rio Grande, mas sua gravura foi publicada em um jornal francês na década de 1860, junto com uma descrição do Cais da Boa Vista, afirmando que o mesmo se prolongava sobre a orla da lagoa e estava rodeado pelas moradias dos principais comerciantes brasileiros (BARRETO, 1973-76).

FIGURA 5 – Gravura “Le quai de Belle-Vue à San-Pedro de Rio grande (Brésil)”, feita por Francis Richard em 1860.

Fonte: TORRES, 2001.



A gravura retrata o porto da cidade, dando destaque às suas embarcações. As construções aparecem posicionadas em uma linha contínua, diferenciando-se umas das outras por suas alturas, algumas térreas, outras sobrados com dois e até três pavimentos. Vê-se balcões corridos, vergas retas ou com arcos abatidos, camarinhas e a maioria dos telhados de barro aparentes. Os edifícios ao centro das edificações já apresentavam platibanda, sendo que a mais ornamentada era a do prédio de três pavimentos.

Na figura 6 observa-se outra fotografia da rua, na década de 1870 ou 1880. Nela, as edificações podem ser melhor apreciadas. Em primeiro plano encontrava-se um armazém chamado “Naval Store”, apresentando aberturas com vergas retas, sendo que as do térreo eram portas e as do primeiro pavimento apenas janelas, o que justifica a ausência do balcão. O

prédio ao lado possuía aberturas com arcos abatidos e balcões individuais no primeiro pavimento. Os dois prédios não apresentavam platibanda.

A edificação de três pavimentos a seguir mostrava-se um pouco diferente, com aberturas de arcos plenos e platibanda, mas mantendo o balcão corrido, como as edificações da figura 5.

FIGURA 6 – Fotografia da Rua Riachuelo na década de 1870 ou 1880.

Fonte: TORRES, 2001, p.86



Embora as imagens da Rua Riachuelo tenham sido retratadas por ângulos diferentes, observa-se que a primeira apresenta edificações mais verticalizadas do que a segunda. Com relação à evolução da arquitetura, a rua desenvolveu-se de modo semelhante à Rua Floriano. Com o surgimento de alguns elementos do período eclético, como as platibandas e os arcos plenos, essas ruas foram deixando de apresentar apenas edificações luso-brasileiras. Contudo, percebe-se que o ecletismo não obteve grande crescimento na cidade. Eram poucos os prédios do século XIX que apresentavam suas características, embora em outras partes do Brasil a mesma linguagem já fosse existente desde a segunda metade do mesmo século (REIS FILHO, 2011).

### Conclusões

As ruas Marechal Floriano e Riachuelo foram representativas do desenvolvimento econômico da cidade. Receberam prédios comerciais e residenciais importantes que foram retratados e descritos por viajantes europeus como “belas edificações”.

Apesar dos problemas enfrentados, como a areia constante e os alagamentos, a cidade desenvolveu-se ao longo do século XIX, sendo um importante acesso de mercadorias que entravam no estado. Com relação à arquitetura edificada, a cidade seguiu as tendências da linguagem luso-brasileira, como no restante do país. No entanto, é possível afirmar que suas

edificações eram mais simplificadas, provavelmente pela sua função militar inicial. O ecletismo tardou a chegar à cidade e apresentou poucos exemplares no período analisado.

A arquitetura e o urbanismo desenvolvidos em Rio Grande durante o século XIX contribuíram para que a mesma possuísse valor histórico. O Porto Velho e as edificações da Rua Riachuelo, assim como as da Rua Marechal Floriano merecem fazer parte dos principais atrativos da cidade, sendo que a sua história deve ser um dos motivos fundamentais para a preservação do seu patrimônio cultural.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco. Porto e barra do Rio Grande: uma secular aspiração que se tornou realidade. Porto Alegre, CORAG, 2007.

BARRETO, Abeillard. Bibliografia sul-riograndense: a contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1973-76.

COSTA, Érico. Alfândega do Rio Grande. Rio Grande – Fatos em Revista, Rio Grande, mai/jun. 1992.

D'EU, Luis Felipe Maria Fernando d'Orleans ,Conde. Viagem militar ao Rio Grande do Sul. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

DREYS, Nicolau. Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul. Porto Alegre: IEL, 1961.

ISABELLE, Arsène. Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

LUCCOCK, John. **Notas Sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Belo Horizonte: Villa Rica, 1987.**

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa. O Portal meridional do Brasil: Rio Grande, São José do Norte e Pelotas (1737 a 1822). Tese (Doutorado em planejamento urbano e regional). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/propur/teses\\_dissertacoes/Ana\\_L%CC%80Bacia\\_Costa\\_de\\_Oliveira.pdf](http://www.ufrgs.br/propur/teses_dissertacoes/Ana_L%CC%80Bacia_Costa_de_Oliveira.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2013.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertulini. A Vila do Rio Grande de São Pedro (1737-1822). Rio Grande: FURG, 1987.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem ao Rio Grande do Sul. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E DE CULTURA (Rio Grande). Programa de educação patrimonial. Folheto informativo. Ame Rio Grande - História, identidade e preservação do patrimônio cultural. Rio Grande, 2012.

TORRES, Luiz Henrique. Câmara Municipal do Rio Grande: Berço do parlamento gaúcho. Rio Grande: Salisgraf, 2001.

\_\_\_\_\_. Rio Grande: Patrimônio e cartões-postais na Belle Époque. Rio Grande: EDFURG, 2013.

**ANAIS** - 7º SIMP - Semniário Internacional em Memória e Patrimônio - <http://simp.ufpel.edu.br>

Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural- PPGMP – UFPel - <http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp>

### **FONTES IMPRESSAS**

**Arcádia**, Jornal ilustrado, histórico e biográfico.